

# Editorial

---

Não nos passa despercebido que, no título da XXXVII Jornada de Psicanálise do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais, *O que a psicanálise tem a ver com ISSO*, a grafia do ISSO está em maiúsculas. Somos imediatamente transportados para o conhecido *Livro d'ISSO* [*Das Buchvom Es*], de Georg Groddeck, publicado em 1923. Médico e psicoterapeuta alemão, Freud o chamava “um analista incomparável”, embora Groddeck se definisse como um “analista selvagem”. O conceito de Isso [*das Es*], traduzido por *Id*, foi fundamental para a elaboração freudiana da segunda tópica. Mas, o que é Isso? “O que é Isso??? Ora... Isso é isso, que eu não sei o que é! Aquilo que nos faz dizer o que não queríamos, e fazer o que não deveríamos”.

O Isso é o sexual recalcado; é o próprio inconsciente onde a sexualidade infantil trabalha em sua busca anárquica, incessante e amoral de prazer, sendo o objeto o que menos importa. Ele é polimorfo, múltiplo e perverso, se manifestando nas fantasias, nos devaneios, nos atos falhos e nas ocasiões quando somos surpreendidos pela alteridade interna, que provoca em nós um sentimento de estranheza [*Das Unheimlich*].

Por mais que teorizemos sobre o sexual, através dos discursos sobre a sexualidade (que são artefatos culturais tributários do momento sócio-histórico no qual emergem), tais discursos sempre falham, pois o sexual resiste a qualquer forma de normatização ou controle: os discursos sobre a sexualidade são produto dos processos secundários que jamais darão conta de regular o primário.

A impossibilidade de simbolizar completamente o estranho que nos habita gera um resto produtor de angústia. E uma das coisas que podemos fazer com esse resto é transformá-lo, via sublimação, em escrita.

A *Reverso* n. 77 mostra de forma exemplar os movimentos transferenciais dos autores para com a sua escrita, e dos despertados em mim, pela leitura dos textos.

\*\*\*\*\*

Alexandre Fernandes Corrêa, em *O ódio em três textos de Freud: reflexões sobre ambiguidade, hostilidade e identificação*, aborda de maneira competente um tema que afeta todos e todas na atualidade do Brasil: o discurso do ódio. Para isso, trabalha com três textos de Freud, nos quais se discutem os fundamentos do laço social.

Com um título instigante – *Amor de transferência: o que resta no final da análise?* – Ana Cristina Teixeira da Costa Salles, com a competência que lhe é característica, nos brinda com um tema pouco trabalhado pelos psicanalistas. Falar do que resta do amor transferencial, quando deixamos de ser o objeto *a*, equivale a um trabalho de luto relativo ao lugar que ocupávamos na dinâmica da transferência.

Em *A histeria, o desejo e o enigma do feminino*, Ana Paula Paes de Paula empreende um frutífero diálogo com Emilse Naves para trabalhar as relações entre o masoquismo originário e a histeria, baseando-se no fato de que os sintomas histéricos reencenam o sexual incompreendido. Apoiado em Freud e em Lacan, o texto propõe uma leitura original do enigma do feminino.

*Quatro atos em cena*. Com este título Carlos Antônio Andrade Mello nos fala do quanto clínica e teoria são indissociáveis. Partindo de uma excelente reflexão sobre o ato falho, o *acting-out*, a passagem ao ato e o ato analítico, o autor trabalha, com propriedade, os conceitos de ato e de cena nas obras de Freud e de Lacan, para levar a cabo sua empreitada.

Edson Santos de Oliveira se aventura em um terreno minado ao discutir *O analista em posição de ironia humoresque*. O campo semântico de ironia é tão amplo que, por vezes, torna-se difícil distingui-lo do chiste, do cômico e do humor. A partir das abordagens de Duarte e Hutcheon, em contraponto com Rabinovich, Sauret, Freud e Lacan, o tema é tratado com pertinência.

Em *Da Verwerfung em Freud à foracclusão em Lacan*, Keylla Barbosa nos oferece uma contribuição original ao propor seguir a transformação da *Verwerfung* em *foracclusão*, baseando-se no clássico *Homem dos Lobos*. Dialogando com Freud e Hyppolite, a autora sustenta a hipótese segundo a qual a *foracclusão* seria o alicerce para a constituição das psicoses.

*A psicanálise no mundo contemporâneo* é o título do trabalho de Luciene dos Santos. Frente ao mal-estar atual provocado por inúmeras mudanças tecnológicas que produziram o empobrecimento do simbólico, o texto nos apresenta importantes reflexões sobre o lugar, se é que ele ainda existe, da psicanálise na atualidade.

Marco Antônio Coutinho Jorge retoma o aforismo lacaniano segundo o qual *Só o amor pode fazer o gozo condescender ao desejo*. Baseado na narrativa de *As mil e uma noites*, entendida como um dispositivo semelhante ao de uma análise, o artigo discorre sobre os impasses entre amor e gozo, e amor e morte apresentando-os como o conflito presente em todo sujeito. Só o dispositivo simbólico permite a saída desse embate.

Se *O psicanalista só se autoriza por si mesmo*, este autorizar-se só é possível quando ele/ela se compromete com sua formação permanente, e com a experiência radical de sua análise pessoal. O texto de Maria Ângela Assis Dayrell retoma o tema sempre atual da formação, insistindo que a análise é a única garantia desse processo.

Visando elucidar os elementos presentes na interpretação psicanalítica, Paolo Lollo nos propõe o texto *A psicanálise na escola do pintor David Malkin*. No texto, ele investiga como o real pode ser tratado pela escrita e pela pintura, a partir da obra do pintor ucraniano David Malkin.

Com um título aparentemente simples – *O que é o amor?* –, Maria Pompeia Gomes Pires nos conduz pelo labirinto pulsional produzindo no leitor mais inquietudes do que respostas. Se a pressão da pulsão é constante, faz-se necessário um representante psíquico para representá-la. A partir daí, várias perguntas sobre o que é o amor são colocadas, deixando-nos com um sentimento de estranheza [*Das Unheimlich*].

Scheherazade Paes de Abreu nos fala, em *Acerca dos arredores da mulher: amor, falo e gozo*, dos caminhos possíveis para nos aproximarmos da questão “o que dizer do gozo da mulher”, posto que ela nada sabe. Partindo de um fragmento literário, mostra-se que o saber tem relação com o amor. O texto explora ainda sobre as inúmeras relações entre a demanda e a prova de amor.

O tripé clássico da formação analítica é discutido no texto *Como se forma um psicanalista?*, de Walesca de Lima Faria Bernardes, com destaque para a importância da análise pessoal. Seja qual tenha sido a formação anterior do candidato a analista, assim como a sua leitura da teoria psicanalítica, o final da análise só é possível com a destituição subjetiva e a travessia da fantasia.

\*\*\*\*\*

O trabalho editorial da *Reverso* só é possível graças à parceria dos colegas que compõem a Comissão de Publicação, sob a coordenação atenta e dedicada de Maria Mazzarello Cotta Ribeiro. Além de nós, a comissão editorial é composta por Ana Boczar, Carlos Antônio Andrade Mello, Eliana Rodrigues Pereira Mendes e Marília Brandão Lemos Morais Kallas.

A *Reverso* conta com a eficiente participação de Dila Bragança de Mendonça, nossa revisora, de Edna Malacco de Resende, secretária do CPMG, assim como de Adriana Dias Bastos Almeida e de Marta Aparecida Almeida e Almeida. Nosso agradecimento a Valdinei do Carmo, responsável pelo projeto gráfico e diagramação, e da gráfica *O Lutador*.

Finalmente, cabe lembrar que a apresentação gráfica da *Reverso* ganhou brilho com a tela de David Malkin.

**Paulo Roberto Ceccarelli**

Membro da Comissão Editorial da *Reverso*